



4º Domingo de Páscoa (02/05/04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Números 27:12-23

O texto deste domingo faz parte do conjunto de textos que Von Rad identificou como o bloco temático-traditivo do deserto (Êx 16-18 e Nm 10:10 até o fim do livro). Esse bloco descreve o que poderíamos chamar de "gênesis da organização sócio-religiosa de Israel". O deserto, lugar de difícil sobrevivência, é visto pela tradição bíblica como lugar preferencial tanto para enfrentar a morte e a maldade quanto para se encontrar pessoalmente com Deus (cf. Gn 16:7-9; Ex 16:10; Sl 29:8; Sl 78:17 e Mt 4:1s e paralelos). É ali não há nada a não ser Deus e seu Povo que emerge a nova sociedade da aliança (Os 13:5).

O texto deste domingo tem seu paralelo em Dt 34. Possivelmente esta versão de Números seja a mais antiga. Moisés sobe no alto de um monte chamado "Abarim" em Números e "Nebo" em Deuteronômio. A palavra "Abarim" significa "os do outro lado" dito por quem se encontrava do lado ocidental do Jordão para falar da planície de Moab do lado oriental do rio. Quem conta esta história já está na Palestina e lembra que Moisés recebeu a terra mesmo sem nunca ter chegado lá, como presente de Deus para seu povo (Nm 27:12 e Dt 34:1e 4). Para os redatores de Números, Moisés tinha sido o grande líder da libertação e do deserto e estava na hora de dar entrada a um líder que conduzisse o povo para dentro da terra (v.13). Essa sucessão da liderança acontece num ritual litúrgico porque é nesse mundo simbólico que Deus se fazia presente.

Essa liturgia é um ritual de imposição de mãos (como uma confirmação ou ordenação). Moisés sabia de antemão quem seria seu sucessor mas isso precisava ser confirmado na assembléia litúrgica. Para tanto era necessário reunir o povo a fim de que a missão do líder fosse conhecida por toda a comunidade (v.16 e 19-20). O sacerdote faria então o gesto simbólico do "Urim" (uma pedra que era jogada e que ao cair indicava a afirmativa ou negativa de uma questão; cf. v.21). Seguramente o sacerdote perguntaria em voz alta na assembléia: "*E este o líder do teu povo para conduzi-lo à terra prometida?*" e então jogaria a pedra. Algo semelhante é feito em Atos para escolher o substituto de Judas (cf. At 1:26). Finalmente a imposição de mãos simboliza compartilhar ou suceder na mesma missão (v.23).

O que poderia parecer a sucessão de um líder por outro líder é na verdade a continuidade da missão do povo de Moisés pelo povo de Josué; duas lideranças mas um mesmo Deus e um mesmo povo. (HMG)

2ª leitura – Apocalipse 7.9-17

O cenário é litúrgico - uma grande multidão que não se pode contar, de todos os segmentos da humanidade. Gente como nós, seres terrestres. Parece-nos que há um eco de Gênesis 12 e 15 (a promessa a Abraão) e Isaias 49.6. É bom lembrar que, no capítulo anterior, o autor se referiu a um número que representa a plenitude de Israel. No cenário litúrgico estão presentes os anjos, os quatro seres e os anciãos,



digamos os seres celestiais. Todos eles louvam a Deus. Este cenário nos lembra o *Sanctus* na Eucaristia,

Os incontáveis seres terrestres são apresentados com roupas brancas e palmas na mão. No vs. 14, a cor branca vem do derramamento do sangue de Cristo. Palmas se referem à vitória. Nos Livros de Macabeus, na reconquista do Templo e na sua purificação, todos aparecem com palmas nas mãos e há muitos cânticos. Também as palmas lembram a Entrada de Jesus a Jerusalém. Também, essas multidões vêm da tribulação, martírio (testemunhas com vida). Aí está a imensa diversidade na unidade em Cristo (todos de branco e com palmas na mão - sem essa unidade não há diversidade.).

Vs. 13-17 Quem são eles? Todas essas figuras expressam um ponto importante: a perseverança delas, sua vitória e seu cântico vêm da vida derramada em favor de muitos (isto é, "todos", no sentido bíblico). Essa doação inesgotável e transformadora possibilita a solidariedade que atravessa todos os tipos de fronteiras e derruba os muros de separação e constrói uma comunidade local e, ao mesmo tempo, universal. A ênfase do Apocalipse é a participação da Igreja na atividade de Cristo indicada pelo verbo "lavaram", ao invés de foram lavados, observa C. Rowland.

O Cordeiro é, ao mesmo tempo pastor das ovelhas. Pastor é um termo pelo qual Cristo é conhecido e pouco usado com referência aos ministros de Deus, no Novo Testamento.

As multidões servem a Deus. Pelo Batismo (nossa identificação com Cristo em sua morte e ressurreição cf Romanos 6) e a recepção do Espírito Santo (1 Co 12.13) fomos feitos servidores de Cristo. No texto em tela a figura do serviço é sacerdotal. No Batismo fomos feitos membros do sacerdócio régio de Cristo. (Ver LOC p.169. "*Deus hoje te recebeu... do Eterno Sacerdócio*"). (ST)

2º comentário – Apocalipse 7.9-17

Até há pouco tempo, os filósofos acreditavam que a primeira filosofia seria a ontologia. Esta perspectiva vislumbrava a possibilidade de se atingir o "ser em si" das coisas através de um exame rigoroso dos entes. Com o avanço das discussões filosóficas, contudo, chegou-se à compreensão de que há um estágio anterior ao da ontologia que deve ser explorado primeiro. Criou-se assim uma nova filosofia primeira, que seria a epistemologia, ou seja, a teoria do conhecimento ou a abordagem de conhecimento que se usa para se conhecer a coisa em si. Nos últimos anos, porém, temos presenciado uma segunda mudança. A filosofia primeira deixa de ser identificada com a epistemologia para se identificar com a filosofia da linguagem. Antes mesmo de se descrever o tipo de conhecimento que temos da coisa em si, precisamos discutir que tipo de linguagem pode ser utilizado para falar deste conhecimento. Será que podemos falar com propriedade sobre as experiências que temos? Ou mais sério ainda, será que podemos falar propriamente de uma "verdade" para mim e transferir esta "verdade" numa verdade para o outro?



O texto que acabamos de ler testifica do esforço de João em falar da verdade que lhe foi revelada para os interlocutores de seu livro. João está preso na ilha de Patmos e tem uma revelação sobre o que está ocorrendo com a Igreja. Os cristãos estão sofrendo os mais diversos tipos de perseguições e martírios. Centenas de cristãos estão morrendo por causa de sua fidelidade a Cristo. A Igreja está sofrendo o perigo de se espalhar e de perecer. Diante disso o Senhor revela a João as coisas que são e as coisas que serão depois destas. Uma manifestação acerca da realidade que nos cerca e daquela que nos espera. A história é exposta com a figura de sete selos. Cada selo representa um tipo de sofrimento que atinge a humanidade e também a Igreja. No sexto selo há uma descrição da vinda de Cristo e do Dia do Senhor. Imediatamente depois deste selo, João insere uma espécie de hiato na cena - um parêntesis que descreve a situação dos santos e mártires. E é pensando nisso que sugerimos o seguinte tema: **A descrição dos santos na glória.**

Mesmo descrevendo imperfeitamente a realidade espiritual que nos espera, João usando a linguagem apocalíptica e cabalística, descreve os santos na glória falando em primeiro lugar de **seu número** (vs. 4). O verso quatro nos diz que João ouviu o número dos que foram selados na fronte, que é o número dos servos de Deus, e este número é apresentado como sendo 144 mil. A confecção do número é o resultado da multiplicação de $12 \times 12 \times 1000$. E isto aponta para as doze tribos de Israel, cada uma apresentando 12 mil pessoas, multiplicado por mil. A figura me parece clara. João está falando de todos os santos. Do número completo dos santos da antiga e da nova aliança. Todos os membros da Igreja de Deus estarão presentes naquele dia diante do Senhor. Seu número é perfeito. Só Deus conhece. A marca na testa pode muito mais acertadamente ser chamada de "selo". Como quando se fala de um selo que a correspondência recebe. O selo era a impressão da marca do anel do Rei sobre a cera ainda mole. Cada cristão já recebeu esta marca, este selo, em sua fronte. Uma marca que nos fala que estamos seguros, nas mãos do Todo-poderoso. Esta multidão, que ninguém pode contar (vs. 9) vem de todos as tribos e de todos os povos e nações do mundo, dos quatro cantos da terra. Somente depois de selar os eleitos dos quatro cantos da terra é que os anjos (também quatro) podem permitir que os ventos soprem sobre a terra (vs. 3).

Além de descrever o número dos santos, este texto descreve também as **atividades** desenvolvidas por estes santos. Sempre houve questionamento sobre o que os santos farão no céu por toda a eternidade. Minha compreensão é que, se soubermos para qual finalidade Deus criou o homem, descobriremos o que faremos pela eternidade afora nos céus. Neste momento nos lembramos da resposta da primeira pergunta do Catecismo de Westminster: "para que foi feito o homem? Para glorificar a Deus e gozá-lo para sempre". Este texto descreve, imperfeitamente, as atividades dos santos na luz. O texto nos diz que os santos, com palmas nas mãos em sinal de vitória clamavam (asseguravam, afirmavam) em grande voz dizendo: "Ao nosso Deus... e ao Cordeiro pertencem a salvação". Ao fazer esta afirmação João está dizendo que parte de nossa atividade ao lado de Deus constará de dizer o que Ele é. Isto se chama "louvar". Todas as vezes que dizemos a Deus o que Ele é nós o estamos louvando. Mas o texto não pára aí. Eles também servem. A palavra usada por João é *latreia* que nos fala de culto ou atos cultuais. O louvor e a Adoração ou



serviço cultual será nossa atividade nos céus. Foi por isso que Deus nos fez. Para nos relacionarmos permanentemente com ele e para o louvor de sua glória. Seres livres que livremente adoram o Rei e o Senhor.

Finalmente, o texto nos fala também da **condição** para se fazer parte deste secto glorioso. As Escrituras nos dizem que apenas aqueles que estão "vestidos de vestiduras brancas" (v. 9), e vêm de grande tribulação (vs. 14) fazem parte do povo de Deus. Esta descrição parece enigmática a princípio. Mas quando vemos a ação dos quatro cavaleiros nos quatro primeiros selos, e a tribulação e dor que os cristãos têm que passar pela fidelidade ao nome de Cristo, sem trocar sua fidelidade pelos favores do mundo, compreendemos do que João está falando. Estes são aqueles que tiveram vestes alvejadas com sangue, o sangue do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Nossas roupas, ou nossas vidas estão marcadas para sempre com o sangue do Cordeiro. E esta é a única condição para se entrar nos céus. Precisamos olhar para nós mesmos, e para nossas roupas, nossos atos e nossa vida, para ver se a marca de Cristo está sobre nós.

Sabemos que quando pensamos em uma verdade ela se mostra enorme em nossa mente. Quando falamos sobre ela, sua amplitude diminui sensivelmente. Mas quando escrevemos, muito pouco do que pensamos tende a permanecer. Se pregar é limitar, escrever é reduzir muito mais. Pois bem. Há um hino muito antigo baseado nas Escrituras que nos afirmam que "metade da glória celeste jamais se contou ao mortal". Este texto do Apocalipse possui imagens extraordinárias. Uma das mais fortes é o choro, como símbolo da dor e do sofrimento que nos acompanham diuturnamente. A promessa de Deus através de João, contudo, é significativa. A Bíblia nos diz que Ele "enxugará dos nossos olhos toda a lágrima". (v. 17) Nenhuma linguagem será capaz de descrever isso. Mas este é o convite que ele nos faz ainda hoje: "Vinde a mim os que estão cansados e sobrecarregados. Os sofridos e desencantados. Os abatidos e doloridos. Eu vos aliviarei" (JLFA)

Santo Evangelho - João 10:22-30

"Eu lhes dou a vida eterna, e por isso eles nunca morrerão. Ninguém pode arrancá-los de minha mão".

Minha filha mais nova conta-nos sobre o nosso neto de dois anos e meio e o que ele percebe no dia a dia, das descobertas desse menino sobre as coisas da vida. Ela nos conta maravilhada e nós ouvimos maravilhados o que é descobrir experiências na vida de uma criança com o seu deslumbramento. A vida é um dom de Deus. A vida é baseada no amor e o amor é Deus.

Aqui neste trecho do Evangelho há referências daquele dom que ninguém pode nos tirar - o dom da vida eterna. Não podemos pensar nela em termos de quantidade de tempo mas de qualidade de vida. Vida eterna é a vida que vem de Deus.

Aqueles que a recebem tem condições de viver com autenticidade. Ninguém pode lhes tirar esse dom que continua conosco apesar do horror de coisas que alguns



homens fazem como os atos terroristas nos trens da Espanha. Mataram 200 pessoas e feriram mais de mil - pessoas que nem eram conhecidas dos autores dos atentados. Como o ser humano é capaz de matar vidas inocentes? Gente que ia para mais um dia de trabalho e que quando menos esperam têm sua vida rompida bruscamente. Porque isso Senhor?

Isso nos lembra que há vidas que são morte. Não são autenticamente vidas. E foi para vermos um contraponto a isso que Jesus nos fala de outro tipo de vida, a vida eterna.

Lembramo-nos que Deus criou tudo isso para que houvesse plenitude de vida. Mas houve o desfiguramento de tudo isso com a queda do homem que o separou de Deus e trouxe ao mundo a vida que é morte. Mas Jesus vem trazer a nós a vida eterna de Deus. A morte não mais predominará. Ela pode existir, mas, pela Ressurreição, ela não é vitoriosa.

E a vida eterna, meus irmãos, ninguém pode arrancá-la de suas mãos. (GSL)

2º comentário a João 10.22-30

Hoje é o domingo do Bom Pastor. Encontramos a figura do Pastor no Antigo Testamento. Em termos gerais é o Rei-Pastor.

Vs. 22 - A festa da dedicação (Hanukah) acontecia em dezembro, durante o inverno. Essa festa celebra a purificação do templo no tempo de Macabeus (164 a.C.). Também é chamada "festa das luzes" e acontecia no pórtico de Salomão, uma área cuja cobertura era sustentada pela colunata.

O Templo de Jerusalém foi construído no tempo de Davi e Salomão. Depois foi destruído pelos caldeus (2Rs 25.9). Houve outra construção no mesmo lugar no tempo de Zorobabel, na época em que Ciro era rei da Pérsia (539 a.C.). Herodes começou a reconstrução do Templo cerca 20 a.C. Então, trata-se do terceiro templo.

O diálogo entre Jesus e os seus oponentes ocorre no templo. Os ouvintes deste diálogo estão no período pós-ressurreição. Há certa ironia aqui - Jesus, o verdadeiro templo (2.19ss.) anda pelo templo.

"Se és o Cristo, diga-nos com clareza..." A pergunta é artificial, porque, na verdade, os questionadores não estão interessados na resposta de Jesus. A resposta de Jesus nos mostra que a Sua realidade, Sua identidade, Sua missão são maiores do que as palavras, títulos e fórmulas de fé. Jesus se revela em seus atos. No relacionamento entre o Pastor (Jesus) e as ovelhas (a Igreja) revela-se Quem é Jesus. Que é então a Igreja? Quem são os cristãos? Estas perguntas são respondidas na medida em que ela e eles ouvem a voz do Pastor e O seguem. Em outras palavras, conhecemos a nós mesmos na medida em que conhecemos o que Deus fez por nós em Jesus Cristo. Esse seguimento não é algo "simplista" que sufoca perguntas e dúvidas. Além disso, a relação Pastor/Ovelhas não é aquela relação de líder "forte", que sempre toma a iniciativa e deixa as ovelhas na passividade e obediência cega. As



leituras, pelo menos, das narrativas de Abraão, de Moisés, de Jeremias, de Salmos e de Tomé, neste Evangelho, não nos autorizam a imaginar um relacionamento distorcido. Pertencer a Cristo é pertencer àquela comunhão inquebrantável entre o Pai e o Filho no poder do Espírito Santo. É ter parte como dom na comunhão, na vida eterna.

O Pastor conhece cada um de nós pelo nome, isto é, como somos. Em outras palavras, há espaço para a "criação" na forma de pertencer a Cristo como pessoas e como Igreja em diferentes tempos e em diferentes circunstâncias. Por outro lado, o individualismo divisionista é descartado.

Que significa ouvir a Cristo e segui-lo hoje, em nossas circunstâncias? A revisão dos votos batismal pode ser oportuna. (ST)